

# Uma reflexão sobre o uso da língua falada no gênero textual telenovela

Jeane Lucas

*Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Professora da Escola de Especialistas da Aeronáutica - EEAR*

Katcilene Vieira da Silva Nascimento

*Pós-graduanda em Educação, Mídia e Novas tecnologias e graduada em Letras Português/ Inglês pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - FATEA*

## Resumo

*Como sabemos, a linguagem falada pode ser compreendida por meio dos chamados eventos de fala, os quais são definidos segundo Rodrigues (2003) como uma troca de papéis entre falante e ouvinte em um contexto situacional específico. Desses eventos, a conversação entra como fonte primordial de pesquisa, pois além de caracterizar uma troca de papéis constante (locutor/interlocutor), sua ação pode ser definida como verbal e centrada, isto é, para que ocorra um diálogo duas pessoas devem estar voltadas para uma mesma tarefa, ou trocar informações sobre um mesmo assunto, valendo-se de estratégias várias para a manutenção do diálogo. Levando em conta estas considerações, este trabalho pretende mostrar, no discurso falado da telenovela que nasceu escrito por seu autor, mas recebido oralmente pelo ouvinte, estratégias usadas pelos atores, no diálogo travado entre eles. Para isso, efetuamos a transcrição de dois vídeos compactos de oito minutos cada de duas telenovelas (Malhação e A Favorita, ambas da Rede Globo de Televisão), ambos retirados de um site da internet (<http://www.youtube.com>), nos valendo da contribuição do Projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, desenvolvido por cinco capitais brasileiras: São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, com o objetivo de estudar os falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa) que deixaram seu testemunho oral da fala urbana e dos três tipos de inquéritos realizados: elocuições formais, diálogos e entrevistas. O material linguístico oral transcrito foi submetido à análise, em busca das marcas responsáveis pela interação dos interlocutores na tentativa de se aproximarem da conversação espontânea, considerando pressupostos embasados nos estudos linguísticos dentro do sócio-interacionismo. Acreditamos que nos trechos selecionados, podemos encontrar vestígios de estratégias próprias do discurso falado, como as sobreposições de vozes, truncamentos, assaltos ao turno com deixa, embora esteja longe de representar os procedimentos estratégicos genuínos de troca de papéis entre os falantes.*

## Palavras-chave

*Oralidade; Telenovela; Língua.*

## Abstract

*As we know, the spoken language can be understood throughout speech events, which are defined according to Rodrigues (2003) as an exchange of roles between speaker and listener in a specific situational context. On these events, the conversation goes as the primary source of research, as well as featuring a constant exchange of roles (speaker / partner), their action can be defined as verbal and focused, this is for there to be a dialogue between two people should be turned for the same task, or exchange information on the same subject, making use of various strategies for maintaining the dialogue. Taking into account these considerations, this work has the objective to show, in the spoken discourse of the soap opera which was transcribed by its author, but received orally by the listener, strategies used by actors, the dialogue between them. For this, we made a transcript of two videos compact with eight minutes each of two soap operas (Malhação and A Favorita, both of Rede Globo de Televisão), both taken from a web site (<http://www.youtube.com>) in worth of aid from the NURC*

*Project - Project for the Study of Language Standard Urban Educated, conducted by five Brazilian cities: São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife and Salvador, with the aim of studying the educated speakers (understood as such for the college degree) who left his oral testimony of speech and urban the three types of surveys: formal utterances, dialogues and interviews. The material transcribed oral language will be submitted for consideration, in search of the brands responsible for the interaction of partners in an attempt to move closer to the spontaneous conversation, considering assumptions grounded in linguistic studies in the socio-interactionism. We believe that the excerpts, we can find traces of their own strategies of the speech, such as overlapping voices, truncation, rounds the turn with leaves, although it is far from being genuine strategic procedures for the exchange of roles between the speakers.*

### **Key-words**

*Oral speaking; Soap opera; language.*

## **Introdução**

Este trabalho busca detectar nos diálogos travados entre atores de telenovelas, marcas linguísticas que permitem entrever estratégias para estabelecer a aproximação entre os diálogos escritos para as telenovelas e o diálogo realizado face a face em conversação espontânea, a partir de situação cotidiana e real de uso. Defendemos a ideia de que este trabalho pode contribuir com aulas de Língua Portuguesa, uma vez que, além de possibilitar ao professor levar para a sala de aula o discurso de telenovela – um gênero que vem se somar aos demais gêneros textuais – e que no presente trabalho não serão retomados, ainda vem possibilitar o desenvolvimento de atividades voltadas à situação de ensino aprendizagem que envolve duas modalidades: oral e escrito. Importa salientar que, neste trabalho para conceituação de gêneros textuais fazemo-nos na concepção de Marcuschi (2003).

Para a análise dos diálogos, vamos efetuar transcrição de dois vídeos compactos de oito minutos cada de duas telenovelas (*Malhação* e *A Favorita*), ambas da Rede Globo de Televisão. Tais compactos foram retirados de um site da internet (<http://www.youtube.com>) e, transcritos pelo programa de áudio denominado Windows Media Player, com fones de ouvido para facilitar a identificação dos sons. Para a realização deste trabalho, nos valem da contribuição do Projeto NURC – Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta.

O embasamento teórico utilizado parte de pressupostos de teorias linguísticas voltadas para a Análise da Conversação, apoiadas pelo sócio-interacionismo. Vale salientar que embora Vigotsky seja o iniciador das pesquisas na área do sócio- interacionismo, ele não será aqui retomado, visto que nos apoiamos em pesquisas feitas a partir de sua obra. Acreditamos que algumas estratégias próprias do discurso falado genuíno podem aparecer no discurso das telenovelas. Contudo, sua realização está longe de representar as estratégias utilizadas no diálogo genuinamente oral. As pesquisas realizadas pelos seguintes autores foram de suma importância para a análise do *corpus* deste artigo: Akinnason (1982), Marcuschi (1991, 2003 e 2005), Matsumoto (2009), Preti (1977 e 1990), Rey-Debove (1996), Rodrigues (2003), Tannen (1987), Urbano (2000).

## **A Telenovela**

Para analisarmos, posteriormente, dois capítulos de telenovelas, definiremos este

gênero textual<sup>1</sup> e sua estrutura. Para Campedelli (1987, p.18) “uma telenovela se assemelha a um novelo se desenrolando”. Partindo dessa comparação, podemos dizer que a telenovela é uma história longa, que se desenrola quase sempre por mais de cem capítulos, e seus *scripts*, geralmente ultrapassam três mil páginas.

O termo telenovela é de origem medieval, pois o termo foi usado como substantivo sinônimo de “*entrecho*”, “*enredo*”, “*narrativa trançada*”, e aplicava-se às novelas de cavalaria, que faziam jus a essa última significação. Mas o termo foi melhor definido por Marcos Rey,

O termo telenovela foi equivocadamente incorporado pelo rádio às suas narrativas quilométricas. Depois a televisão cometeu outro equívoco em cima do primeiro e ficou com o nome. Como se sabe, o rádio copiou o gênero das similares cubanas e mexicanas. Só que o termo, no idioma espanhol, é igual a romance. No inglês moderno também. Com relação à telenovela, o certo seria chamá-la de folhetim. (*apud* CAMPEDELLI, 1987, p.19)

De acordo com Pallottini (1998, p.15), a telenovela resulta de vários outros antecedentes<sup>2</sup>, e que lhe deram uma ou outra de suas características, atuando sobre ela com mais ou menos intensidade. São eles: “o romance europeu do século XIX; o romance em folhetim, por jornal, também do século XIX; o romance em folhetim, por entregas, da mesma época, aproximadamente; a radionovela; a fita-em-série norte-americana; a dramatização radiofônica de fatos reais; a fotonovela e as histórias em quadrinhos e o melodrama teatral.

O termo telenovela é um gênero entre os demais dentro deste tipo de narrativa dramatizada, na qual temos a *soap opera* (produções norte-americanas patrocinadas por empresas de sabão em pó, dando o nome do gênero nos Estados Unidos da América de *soap opera*), a minissérie, os seriados, as telenovelas fechadas (escritas e gravadas antes de irem ao ar) e a telenovela de formato brasileiro, ou até latino-americano, que é escrita, mas gravada aos poucos, guardando o temido desfecho do enredo principal para o último capítulo. (PALLOTTINI, p.52, 1998).

Conforme Pallottini (1998), a telenovela brasileira é uma história contada por meio de imagens televisivas, com diálogo e ação, uma trama principal e várias subtramas que se desenvolvem, se complicam e se resolvem no decorrer da apresentação. A telenovela tem uma célula dramática central, em torno da qual giram outras células dramáticas e apresenta outras células dramáticas semicentraes que gera outras e assim por diante. A trama principal já é definida no primeiro capítulo e terá sua resolução somente no último capítulo. Este gênero textual no Brasil, em geral, tem entre cem e duzentos capítulos, com duração, em média, de sessenta minutos, para cada um, sendo quarenta e cinco destinados à história de fato e o restante dividido entre publicidade, chamadas e repetições. A cada nova telenovela são utilizadas em média entre trinta e quarenta personagens, entre os quais de seis a dez podem ser considerados os protagonistas, sempre sendo um par o casal protagonista da história produzida.

A estrutura de uma telenovela pode ser comparada a de uma árvore, cujas raízes se escondem sob a terra e correspondem às concepções básicas do autor, à sua filosofia, visão de mundo e ideologia. O tronco pode ser comparado à história principal, o sustentáculo da trama, a espinha dorsal, e os ramos podem ser os subtramas que são vários, ou seja, são as

<sup>1</sup> No dizer de Marcuschi gêneros textuais são os textos que circulam socialmente. Em outras palavras definem-se como “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas”(2003, p.23),

<sup>2</sup> Não serão explicados um a um, pois o trabalho se baseia no gênero telenovela, e seus antecedentes são citados somente por uma questão de origem histórica. (N.A.)

consequências da história principal e outras histórias, linhas de ação, conflitos menores, chamados também de secundários. Logo no início, a trama principal é apresentada, juntamente, com várias histórias secundárias (o tronco e os ramos). Uma telenovela não tem somente a história principal para mostrar ao longo de cem ou mais capítulos, pois somente ela não é garantia de sucesso. Logo as subtramas a acompanham para que o telespectador se agarre dia a dia à trama e queira acompanhá-la até o desfecho final. Isto garante a possibilidade de sua extensão e sua natural complicação<sup>3</sup>.

Ainda de acordo com o autor, “a telenovela precisa e se vale da multiplicidade de enredos” e da aceitação do grande público para que seus vários núcleos dramáticos sejam multiplicados e/ou alterados.

## Linguagem Falada: a Conversação

Como nosso objetivo é analisar as marcas da oralidade nos compactos das telenovelas já mencionadas, iremos a partir de agora, destacar alguns aspectos importantes sobre a Análise da Conversação, estudada, primeiramente, por Marcuschi (1991).

O estudo da língua falada começou a ser privilegiado, quando, a partir do século XX, passou a ser objeto de estudo científico. Segundo Bagno (2001), as primeiras formas de escrita apenas surgiram há nove mil anos, portanto a humanidade passou 990.000 anos apenas falando, o que vem atestar, não só o valor que o estudo da oralidade traz à humanidade, mas também a ocorrência de variações da língua falada que acaba gerando transformações na língua como um todo. Tais observações evidenciam a importância desta modalidade linguística que, ainda hoje, é discriminada em alguns setores sociais.

Conforme Preti (1977), o estudo da modalidade oral da língua ampliou-se, consideravelmente, nas décadas de 80 e 90, e com a aplicação das teorias da Análise da Conversação tornou possível o estudo do fenômeno da oralidade, fora dos métodos, tradicionalmente, usados para a análise da língua escrita. Problemas novos, como o do turno (a macrounidade da língua falada) e suas estratégias de gestão; das leis de simetria na conversação natural; da estruturação dos tópicos ou temas; dos procedimentos de reformulação; do emprego de sinais característicos da língua oral (marcadores conversacionais); da sobreposição de vozes; do fluxo conversacional; da densidade informativa e outros, mostraram que a língua falada tem suas regras próprias.

Dessa forma, a linguagem falada pode ser compreendida por meio dos chamados “eventos de fala”, os quais são definidos, segundo Rodrigues (2003), como uma troca de papéis entre falante e ouvinte em um contexto situacional específico como uma conversa informal ou, até mesmo, uma palestra. Desses eventos, a conversação se torna fonte primordial de pesquisa, pois além de se caracterizar como uma troca de papéis constante (locutor/interlocutor), sua ação pode ser definida como verbal e centrada, isto é, para que ocorra um diálogo duas pessoas devem estar voltadas para uma mesma tarefa ou ainda trocando informações verbalmente sobre um mesmo assunto. Entretanto, isso não significa que os envolvidos na conversação estejam no mesmo lugar. No caso da conversação telefônica, por exemplo, ao mesmo tempo em que há uma pré-determinação temática da conversação (tópico conversacional), não há planejamento verbal e os interlocutores estão em locais diferentes.

---

<sup>3</sup> A narração consiste em arranjar uma sequência de fatos na qual os personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa. O texto narrativo é baseado na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Seus elementos são: narrador, enredo, personagens, espaço e tempo. Dessa forma, o texto narrativo apresenta uma determinada estrutura: Esquematisando temas: - Apresentação; - Complicação ou desenvolvimento; - Clímax; - Desfecho.

Segundo Chafe (1999, *apud* Rodrigues, 2003), a produção linguística oral é significativa quando ocorre à jato, com uma sintaxe própria, ou seja, a fala é a representação momentânea do falante e contém todo um léxico próprio do mesmo, tendo em vista as pausas, rupturas e repetições, as quais fazem parte do discurso oral. Assim, para que este estudo fosse efetivado, a gravação e a transcrição linguística foram necessárias para que o texto conversacional se tornasse “escrito” de acordo com a sua normalidade vigente.

## **O Projeto NURC: origem e normas para transcrição**

O objetivo deste projeto sempre foi o de documentar e descrever a norma objetiva do português falado culto, isto é, o uso linguístico concreto, correspondente ao dialeto social praticado pela classe de prestígio cultural. (CASTILHO, 1990, p.146)

Como este trabalho, empregou o modelo de análise criado pelo projeto, vamos explicitar alguns dados importantes sobre ele.

O Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta) de âmbito nacional foi desenvolvido em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Salvador com o objetivo de estudar os falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa) que deixaram seu testemunho oral da fala urbana e dos três tipos de inquéritos realizados: elocuições formais, diálogos e entrevistas. (PRETI, 1990).

Este projeto foi implantado no Brasil para que se tivesse melhor conhecimento da realidade linguística, e pode representar uma mudança de rumo dos estudos dialetológicos iniciados nos anos 60, por pesquisadores de algumas universidades federais e estaduais brasileiras, como, UFBA (Universidade Federal da Bahia), UNICAMP (Universidade de Campinas), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), UFPB (Universidade Federal da Paraíba), UNESP/ASSIS (Universidade Estadual Paulista de Assis) e UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora).

A organização desse projeto para o estudo da norma culta no Brasil, surgiu com os estudos de Juan M. Lope Blanch, professor da Universidade Nacional Autônoma do México, em que “destaca a necessidade de passar da análise do dialetismo raro, anômalo, “perdido entre los varicuetos de uma sierra”, para a descrição do falar urbano normal, cuja força de irradiação não se pode negar. Baseado nestas e em outras considerações, ele recomenda o “Estudo Coordenado das Diversas Normas Linguísticas das Principais Cidades da Ibero-América.”. Com sua proposta, a implantação no Brasil da proposta do professor Blanch se deu no ano de 1968, em um Simpósio realizado em Bogotá no ano anterior (1967), na qual o professor brasileiro Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, participou e apresentou um estudo intitulado “O Projeto de Estudo da Fala Culta e sua execução no domínio da Língua Portuguesa.” O professor Rossi disse que a execução desse tipo de estudo no Brasil não poderia ser limitado a uma cidade específica, o Rio de Janeiro, que era a capital do país na época, nem em sua cidade natal, por motivos culturais, mas deveria ser estendida a outros polos culturais no país, ou seja, a outras cidades capitais de vários estados da federação, em que seriam abarcados mais de doze milhões de pessoas equivalendo a um sétimo da população total do Brasil. A aprovação da implantação do projeto de estudo da norma culta no Brasil, aconteceu devido à presença de vários professores brasileiros no III Instituto Interamericano de Linguística, realizado em São Paulo pelo PILEI (Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas). O professor Nelson Rossi fez uma reunião da qual participaram os professores: Albino de Bem Veiga e Mário Klassmann de Porto Alegre, Nadja Andrade e Suzana Cardoso de Salvador, Isaac Nicolau Salum, Ataliba T. de Castilho e Célia



Maria Moraes de Castilho de São Paulo. Nessa reunião, após os relatos apresentados no PILEI, ficou definido que o primeiro passo para a implantação do projeto seria a escolha dos responsáveis por ele em cada uma das cinco cidades mencionadas no começo deste tópico: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Recife e de um Coordenador Geral, que seria exercido um mandato de formam rotativa, sendo o professor Nelson Rossi o primeiro coordenador geral do projeto. Após essa reunião, no Rio de Janeiro, foi escolhido como Coordenador do projeto o professor Celso Cunha, tendo que consultar o professor Luís Felipe Lindley Cintra, da Universidade Clássica de Lisboa, incorporando Portugal no projeto.

O Projeto NURC/BR é constituído de três fases: a constituição do *corpus*, a transcrição e as análises. O corpus constitui-se de 400 horas de gravação, as quais contêm o depoimento (fala) de 600 informantes de formação universitária, nascidos sobre estudo, filhos de falantes nativos do português (de preferência que fossem nativos da cidade pesquisada), divididos igualmente em 300 homens e 300 mulheres, entre 25 e 35 anos (30%), 36 a 55 anos (45%) e de mais de 56 anos (25%). Todas as gravações compreendem quatro tipos de entrevistas, sendo elas: gravação secreta de um diálogo espontâneo (60 horas), diálogo entre dois informantes (140 horas), diálogo entre um informante e o documentador (140 horas) e elocução em atitude formal (60 horas). Todos os assuntos documentados foram baseados em um Guia-Questionário especialmente elaborado, composto de mais de 4.000 quesitos, divididos entre vários assuntos de interesse, são eles: o corpo humano, a alimentação, o vestuário, a casa, a família, a vida social, a cidade, transportes e viagens, meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro, comércio exterior e política nacional, sindicatos e cooperativas, profissões e ofícios, dinheiro e finanças, instituições (o ensino e a igreja), meteorologia, o tempo cronológico, a terra, os vegetais e a agricultura e os animais.

Para que as gravações e suas respectivas análises fossem feitas de maneira elucidativa e coerente com o objetivo do projeto, o professor Nelson Rossi, ministrou um curso de 25 horas, no contexto do IV Instituto Brasileiro de Linguística, em Salvador, em janeiro de 1970.

As transcrições de todo o material gravado pelos pesquisadores do projeto nas cinco cidades escolhidas, foram feitas de acordo com um quadro elaborado com sinais que indicassem as marcas da oralidade e proporcionassem uma leitura clara para posterior análise destas marcas. Foi durante um Grupo de Trabalho coordenado pelo professor Luiz Antonio Marcuschi, em 1984 na UNICAMP, com apoio do CNPq (Conselho Nacional para desenvolvimento da pesquisa) e da FAPESP (Fundo de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo), a equipe paulista procurou estabelecer uma metodologia para as transcrições, observando os procedimentos adotados pelos pesquisadores ligados à Análise da Conversação, em que “a transcrição deve repousar numa hipótese sobre a língua falada, e que seu valor consiste em assumir uma atitude interpretativa dessa modalidade linguística.” Para que o estudo do presente trabalho seja compreendido, foi utilizado o quadro abaixo, com as normas de transcrição utilizadas para a marcação do diálogo travado entre os atores das telenovelas escolhidas, e posterior compreensão deste.

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Hipótese do que se ouviu	<b>(hipótese)</b>
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e / ou	/

timbre)	
Entonação enfática	<b>MAIÚSCULA</b>
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	<b>:: podendo aumentar para ::: ou mais</b>
Silabação	–
Interrogação	<b>?</b>
Qualquer pausa	<b>...</b>
Comentários descritivos do transcritor	<b>((minúscula))</b>
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	<b>- - - -</b>
Superposição, simultaneidade de vozes	<b>[ ligando as linhas</b>
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	<b>(...)</b>
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	<b>“ “</b>

### Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc)
2. Fáticos: *ah, eh, ahn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento* de frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...*(alongamento e pausa)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula.

As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

## A transcrição

Dá-se uma transcodificação em que se passa da substância e forma da expressão oral para a substância e forma da expressão escrita com todas as conseqüências inerentes a esse processo. (REY- DEBOVE , 1996, p.79)

Transcrever não é simplesmente uma atividade de metalinguagem nem a interpretação gráfica do significante sonoro, pois isto, simplesmente representa uma passagem, uma transcodificação do sonoro para o grafemático, sendo uma primeira transformação, mas não uma retextualização. Quando se transcreve uma fala, ou seja, quando passamos a oralidade para a escrita, sempre acreditamos estar transcrevendo uma certa compreensão do que temos de texto oral, sendo que para isso existe

Uma série de operações e decisões que levam a várias mudanças relevantes que não podem ser colocadas de lado. Todavia, essas mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. (MARCUSCHI, 2005)

Existem duas regras básicas para que a transcrição se realize de modo que não se perca muito do conteúdo oralizado. De acordo com Marcuschi (1991), não existe a melhor transcrição, é fundamental que o transcritor saiba quais são os seus reais objetivos e não deixe de assimilar o que lhe convém, mas que faça a transcrição de uma maneira limpa<sup>4</sup> e legível e sem sobrecarga de símbolos complicados. Aquele que transcreve não deve acrescentar nada além do que não esteja no texto falado original nem colocar muita marca pessoal do transcritor, prejudicando, assim, a qualidade do material transcrito; ao mesmo tempo também não deve eliminar todos os elementos do texto original mesmo que, para isso, gere um pouco de confusão e dificuldade para o leitor leigo. Portanto, a transcrição deve proporcionar ao leitor não especializado uma visão dinâmica do discurso falado, ou seja, o formato da transcrição de uma conversação precisa ter sequências breves para que se tenha uma melhor visualização do conjunto.

## Língua Falada e Língua Escrita: dialogismo e a perspectiva sócio-interacionista

Para entendermos a análise da transcrição realizada neste trabalho, estabeleceremos alguns conceitos sobre língua falada e língua escrita. Há a possibilidade dessas duas modalidades serem equiparadas a uma só linguagem, mas, dependendo do espaço em que são desenvolvidas, essa equiparação é somente hipotética. Segundo Akkinason (1982, p.111), “A fala é normalmente adquirida naturalmente sem instruções formais (em família, parques, na rua, etc) enquanto a escrita tem de ser conscientemente apreendida, geralmente na escola.”.

Marcuschi (2005) afirma que a língua falada ou oralidade é, socialmente, uma interatividade praticada para fins comunicativos e, pode ocorrer de diversas formas, ou, subgêneros textuais fundados na realidade sonora, que pode ser desde uma realização informal até a mais formal nos diversos contextos de uso. A fala pode ser considerada como uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral, ou seja, não necessita de tecnologia além do aparelho fonador disponível pelo próprio ser

---

<sup>4</sup> O texto transcrito deve ser escrito de uma forma que o leitor leigo possa entender como se estivesse visualizando a cena da televisão, ou seja, que ele possa interpretar através das marcas da transcrição as entonações e a interpretação dos atores na cena televisiva.



humano. Já a língua escrita ou letramento<sup>5</sup> necessita das mais diversas práticas da escrita, ou seja, desde a alfabetização, em que o ser humano é capaz de identificar suas necessidades, até aquela em que ele participa efetivamente de eventos que envolvem o letramento. Acrescenta o autor o seguinte: “A escrita pode ser considerada uma produção textual-discursiva para fins de comunicação com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica.” (p.25). Para Marcuschi (2005, p.36), “a língua será sempre a porta de entrada de nossa iniciação a racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos”. Contudo, não podemos dizer, que a fala é superior à escrita nem que a escrita é superior à fala. Deve-se considerar uma relação entre elas não homogênea e constante. A língua é uma organização da sociedade, uma constante interação entre indivíduo e meios gráficos, seja ela na sua modalidade falada ou escrita. A oralidade é inerente ao ser humano enquanto prática social e ao lado da escrita um grande meio de comunicação e expressão.

## **Dialogismo**

Todos os textos são dialógicos, segundo Bakhtin (1979), pois são produtos do embate de muitas vozes sociais, produzindo muitas vezes o efeito de polifonia se algumas dessas vozes deixam de serem ouvidas, ou, monofonia, quando o diálogo é mascarado com uma voz apenas.

“O dialogismo consiste nas relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2008, p.19). De acordo com esta citação, o processo dialógico ocorre em uma situação real de uso que tem a propriedade de ser dialógica. Nesse processo ocorre uma dialogização interna da palavra, perpassada sempre pela palavra do outro, ou seja, o enunciador para formar o seu próprio discurso faz uso do discurso do outro, sempre presente no seu próprio. O enunciado é a reprodução de um diálogo, pois quando se faz o enunciado, o que se faz na verdade é uma participação no diálogo com outros discursos e, este só está terminado quando o outro permite a resposta de outro.

Portanto, dialogismo é a condição do sentido no discurso, como princípio constitutivo da linguagem. Bakhtin (1979), Barros & Fiorin (1999, p.02), fazem a seguinte consideração sobre dialogismo: “As frequentes referências que Bakhtin faz do papel “do outro” na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.” Com isso podemos afirmar que um discurso existe em função de outro discurso e, assim, sucessivamente, já que o dialogismo é inerente à linguagem.

## **A perspectiva sócio-interacionista**

Marcuschi (2005, p.33) afirma que “Fala e escrita apresentam: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. A perspectiva sócio-interacionista estuda as diversidades das formas textuais produzidas em co-autoria (conversações) e formas textuais em monotoria (monólogos), determinando até certa altura as preferências básicas em algumas perspectivas da relação fala e escrita, implicam em fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitor e texto escrito, de modo que se observa essas perspectivas em uma linha discursiva e interpretativa.

Essa linha interacionista é seguida no Brasil principalmente por: Preti (1991,1993), Koch (1992), Marcuschi (1986,1992,1995), Kleiman (1995a), Urbano (2001) e muitos outros autores. Segundo Marcuschi (2005, p. 35), “ Esta perspectiva tem grande sensibilidade para as

---

<sup>5</sup> Letramento, consiste na aprendizagem e uso da língua escrita em diversas situações de comunicação, conforme Marcuschi (2005)

estratégias de organização textual-discursiva preferencial na modalidade falada e escrita.”. Para o autor, a preocupação da perspectiva sócio-interacionista é com os “processos de produção de sentido, situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais.” Ela também se preocupa com a análise dos gêneros textuais e seu uso em sociedade, além de se sensibilizar com os fenômenos cognitivos e com os processos de textualização na oralidade e na escrita. Com base nesta perspectiva, podemos afirmar que escrever sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita não é chegar a um só consenso, nem como objeto de análise. São fenômenos de fala e escrita, no que diz respeito à relação entre fatos linguísticos (relação fala/escrita) e relação entre práticas sociais (oralidade *versus* letramento). As relações entre fala e escrita não são lineares nem são óbvias, porque elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. É a partir desta perspectiva, portanto, que os estudos da Análise da Conversação foram elaborados.

## Análise do Corpus

Segue, abaixo, a transcrição dos trechos analisados das telenovelas *Malhação* e *A Favorita* da Rede Globo.

Podemos observar nos trechos destacados, a utilização de quase todas as estratégias próprias da oralidade no discurso da novela, que nasce na modalidade escrita.

Qualquer pausa ...	<p>1- M: ... <i>atende... Zé por favor ...</i></p> <p>2- M: <i>ela esteve na minha casa alguns dias antes da MORTE DO MEU MARIDO ... estava transtornada ... FE:FEZ ameaças ... eu lembro perfeitamente o que ela disse ... “EU VOU ACABAR COM A VIDA DO SEU MARIDO” ... eu perguntei pro meu marido o que tinha acontecido o que ele tinha feito porque ela estava tão descontrolada ... ele disse apenas ... que era pro bem da nossa família ...</i></p>
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r) :: <b>podendo aumentar para ::: ou mais</b>	<p>1-mãe ... <i>a::ajuda alguém ai meu Deus mãe ACORDA</i></p>
Entonação enfática <b>MAIÚSCULA</b>	<p>1-D: ...<b>ANDA ANDA GENTALHA</b></p> <p>2- F: <i>agora vai ficar MUITO MUITO mais difícil provar qualquer coisa contra ele</i></p> <p>3 - AI meu Deus não é <b>POSSÍVEL ...</b></p> <p>4- D: <i>anda Andreas devolve a fita que você</i> <b>ROUBOU</b></p>

Outro fenômeno característico da fala é a sobreposição de vozes indicada pelos colchetes e, neste trecho a seguir, percebemos no do último período a deformação pragmática das palavras pelo som como “ceis” e “perai” usadas pelo transcritor ao delatar o turno do falante:

<p>Superposição, simultaneidade de vozes</p> <p>ligando as linhas</p>	<p>1-AN: <b>ah</b> que isso professor <b>oh</b> eu não fiz mais que a minha obrigação <b>TA</b> qualquer um arriscaria a própria vida pra evitar que acontecesse uma tragédia com essas criancinhas...tão lindas ((<b>beijo</b>)) e tão doces né...((<b>beijo</b>))</p> <p>C: <b>PERAI CEIS TÃO ENTENDENDO TUDO ERRADO</b></p> <p>2- F: <b>DODI?</b> ... mas você é muito <b>IDIOTA</b> ... a garota acabou de ligar pro celular do Zé Bob ... a sorte é que eu to aqui na casa dele e consegui atender o telefone a tempo ... se eu dependesse de você eu tava perdida ... mas será que você não consegue dar uma dentro? ...</p> <p>3-D: <b>TA:TA::BOM FLORA TA BOM</b> ... o que que eu faço agora ... eu to esperando teu sinal o que que eu faço ... apago a garota? ...</p> <p>F: <b>É</b> ... agora vê se você faz isso longe daí ... e vê se você dessa vez não deixa rastro ...</p> <p>4- A: deixa que eu dou um jeito nesse cara é agora ...</p> <p>D: Adailton não se mete ...</p>
---	---

Outro sinal muito usado pelo transcritor é o duplo parênteses (( )) para dar ênfase à transcrição e ao melhor entendimento de sua leitura, como nos trechos:

<p>Comentários descritivos do transcritor ((<b>minúscula</b>))</p>	<p>1-B: e eu? não não imagina Félix que idéia ((<b>suspiro</b>)) porque tanta pergunta?</p> <p>2- ((<b>barulho de árvore caindo</b>))</p> <p>3- ((<b>raio</b>))</p> <p>4- F: eu sabia que você ia gostar ((<b>porta abre e fecha</b>))</p> <p>5- ((<b>celular tocando</b>))</p> <p>6- ((<b>perseguição a pé dentro do túnel</b>))</p>
--	---

	7-(( <i>música de suspense</i> )) 8-(( <i>atropelamento</i> ))
--	---

Os sinais característicos da transcrição, como foi constatado, foi de imensa importância para que a conversa fosse compreendida, principalmente, devido ao contexto no qual ela está inserida. Dessa forma, independentemente do tipo de transcrição feita, o transcritor deve ter sempre atenção quanto à sua maneira de trabalhar um discurso oral, pois é partir de seu “texto”, que o estudo da oralidade será feito e disso depende a compreensão do leitor leigo.

Atestamos, assim, as características próprias do discurso oral, considerando-se os comentários e, principalmente, a sintaxe própria depreendida. Verificamos várias estratégias próprias da conversa face a face: truncamentos, risos, pausas com preenchimento, assalto ao turno. Quase não aparece a sobreposição de vozes.

As ocorrências encontradas nos textos podem ser resumidas no quadro abaixo:

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>NÚMERO DE OCORRÊNCIAS</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	2
Hipótese do que se ouviu	<b>(hipótese)</b>	5
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e / ou timbre)	/	12
Entonação enfática	<b>MAIÚSCULA</b>	99
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	<b>:: podendo aumentar para ::: ou mais</b>	37
Silabação	–	
Interrogação	?	52
Qualquer pausa	...	
Comentários descritivos do transcritor	<b>((minúscula))</b>	49
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	– – –	
Sobreposição, simultaneidade de vozes	<b>ligando as linhas</b>	4

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	0
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	0

Os números encontrados e demonstrados de algumas estratégias próprias da conversação, nos mostram que as maiores ocorrências encontradas são as entonações enfáticas (as palavras em letras maiúsculas); os pontos de interrogação, próprios do discurso falado, sinalizando a pontuação mais importante, os prolongamentos de vogais e consoantes, denunciando um momento de preocupação, quando o falante está em uma situação embaraçosa ou até mesmo de perigo, fazendo com que ele gagueje ou tropece nas palavras.

A ocorrência que menos aparece é a superposição ou sobreposição de vozes. Nos dois compactos transcritos, isto aparece somente quatro vezes<sup>6</sup>, evidenciando que, mesmo na telenovela, o diálogo que é interpretado pelos atores, foi num primeiro momento, escrito pelo autor. Por isso este diálogo não é, genuinamente, retratado como no cotidiano, pois para que ocorra essa sobreposição, é necessário que haja interação social entre os falantes. Para que haja essa interação e a troca de turnos, ou seja, a vez em que cada interlocutor fala, devendo o outro esperar para falar, é necessário que aconteça uma educação social dentro de determinadas comunidades, o que não ocorre no presente estudo, pois o diálogo foi escrito primeiro e interpretado pelos atores, teatralmente, não havendo antes entre eles essa “educação social.”<sup>7</sup>

Segundo Tannen (1987) “quando o ritmo conversacional é estabelecido sem esforço, quando nossas intenções parecem compreendidas e as intenções do interlocutor parecem claras e adequadas – temos a sensação de ser um tipo certo de pessoa e de que o mundo é um lugar confortável.” Diante desta afirmação, podemos concluir que a sobreposição de vozes, acontece com frequência quando os interlocutores se conhecem e vivem no mesmo lugar, ou não se conheçam e vivam no mesmo lugar, ou seja, o espaço em que os interlocutores compartilham e fatores culturais contribuem muito para a troca de informações e para que o diálogo ocorra com mais naturalidade.

## Considerações Finais

Comprova-se a partir dos trechos destacados e analisados e do número de ocorrências, o fato de que a sobreposição ou superposição de vozes, em situação tensa entre interlocutores ocorre com pouca frequência, pois, na telenovela, não existe uma interação social nem fatores culturais entre os atores que permitam que a sobreposição seja um fenômeno natural da fala reproduzida, na qual percebemos só ocorreu poucas vezes. Entretanto, no caso da conversação em situação real, nossa observação nos permite afirmar que esta é uma das ocorrências mais constantes.

<sup>6</sup> Embora apareçam dezenove ocorrências, destacamos somente as quatro principais.

<sup>7</sup> Convivência em comunidade, interação social e cultural.

Assim, diante das análises deste trabalho, consideramos que este tipo de texto (transcrito de uma situação ficcional) escrito e oralizado pelos atores, venha a contribuir para o aprendizado da Língua Portuguesa, no sentido de que a interação entre o gênero textual telenovela e a sala de aula ajude os alunos a entenderem a importância do seu uso no cotidiano deles

## Referências

- A FAVORITA. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 20/08/2008.
- AKINNASON, F. N. **Sobre as diferenças entre a linguagem escrita e falada. Language and Speech.** Teddington Kingston Peers Services, 25(2) . 97-12, 1982.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Editora Hucitec, 1979.
- BARROS, Diana Luz Pessoa & FIORIN, José Luis (Orgs). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade. Em Torno de Bakhtin.** São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Edusp, 1999.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A telenovela.** 2.ed. São Paulo, Editora Ática: 1987. p. 18,19..
- FIORIN, José Luis. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Editora Ática, 2008.
- MALHAÇÃO. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 20/08/2008
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da Conversação.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: **Gêneros textuais e ensino.** DIONÍSIO, Angla Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Da Fala Para a Escrita – Atividades de Retextualização.** 6.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- MATSUMOTO, Aline Ramires de Moraes (PG-UEM). **Problemas e aplicações de modelos de Transcrição de Textos Falados.** Disponível em: <<http://www.gepomi.com.br>>. Acesso em: 25/03/2009
- MODO NARRATIVO. **Definição.** Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Modo\\_narrativo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_narrativo)>. Acesso em: 29/10/2009.
- PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão.** 1.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1998.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística e os Níveis de Fala. Os estudos linguísticos no diálogo literário.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- \_\_\_\_\_. & URBANO, Hudnilson. (orgs.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo.** Vol. IV – Estudos. Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (PROJETO NURC/SP). São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1990
- REY- DEBOVE, Josette. **A procura da distinção oral/escrito.** In: CATACH, Nina (org) Op. cit. São Paulo: Ática, 1996. p 75-90.
- RODRIGUES, Ângela C. Souza. **Língua falada e língua escrita In Análise de Textos Oraís.** São Paulo: Humanitas, 2003.



TANNEN, Deborah. **“Ordinary conversation and literary discourse: coherence and the poetics of repetition.”** Annals of the New Yorker Academy of Science, 1987.

URBANO, Hudnilson. **Oralidade na Literatura (O caso Rubem Fonseca)**. São Paulo: Editora Cortez, 2000. p.86.

